

Título: O processo de patologização do luto a partir da perspectiva materna

Curso: Psicologia

Professor(a) Orientador(a): Perci Klein

IES e Campus: Unicuritiba/Milton Viana

1. Resumo

O presente trabalho se propõe a refletir sobre os comportamentos sociais que influenciam na vivência do luto e os seus impactos no comportamento do indivíduo frente ao sofrer a partir da perspectiva materna. Para tanto, foi realizada uma revisão bibliográfica tendo como referencial teórico estudos disponíveis nos Periódicos Eletrônicos de Psicologia (Pepsico), na Biblioteca Eletrônica Científica Online (SciELO) e em livros didáticos orientados ao tema. Nota-se que o processo de perda está diretamente ligado ao sofrimento psíquico que, embora seja suprimido pela sociedade, se apresenta de forma particular para cada sujeito.

No caso de mães que perderam seus filhos, o mais comum é que se vivencie o luto sob grande pressão para uma melhora ágil, fazendo com que se busque soluções dentro da lógica biomédica, assim, patologizando a dor da perda

Palavras-chaves: Luto; Luto materno; medicalização

2. Introdução

A inevitabilidade da morte é considerada tabu e uma experiência resolvida ao outro, tornando o falecimento e o sofrimento vinculados ao fracasso na concepção da sociedade. Os contextos de hiper medicalização e da discrição emocional são fatores importantes para compreender o luto na contemporaneidade. Para Faria e Lerner (2019), situações inerentes a vida humana têm se tomado alvo dos processos de medicalização, estreitando cada vez mais a relação entre o comportamento humano e o aspecto patológico.

Falecer não comunica apenas a conclusão da história de sujeito, também é o fim das relações, dos planejamentos e das possibilidades. A perda, mais do que tudo, é a destruição de crenças que, por sua vez, consideradas quase imutáveis, representam perder parte de si. Segundo Pereira de Assis, Leão Motta e Veríssimo Soares (2019), a experiência da perda evoca a compreensão da irreversibilidade da morte e a da própria finitude do enlutado. Por conseguinte, o luto se torna uma experiência psicologicamente dolorosa. A morte por si só não representa nada além do fim do ser, portanto, nesse sentido, falar sobre o falecimento é o mesmo que articular sobre quem fica.

O sentido de perder, assim como a relação com o outro, é fundamental para compreender a especificidade emocional da carência a partir dessa ruptura. Dessa forma, a singularidade de sofrer pelo falecido está diretamente ligada ao tipo e a qualidade da relação que se mantém.

O presente artigo se justifica pela necessidade de compreender o processo de luto e as especificidades sociais que determinam padrões de se vivenciar a perda como possível patologia. O problema, por sua vez, pretende apontar os aspectos subjetivos do processo de luto. O artigo tem como objetivo geral conceituar o luto e as interpretações clínicas construídas ao longo da história. Como objetos específicos, pretende-se compreender a especificidade do luto na perspectiva materna e as transformações que inclinaram o processo de perda passíveis a lógica biomédica.

3. Território de abrangência da pesquisa

Estudos sobre o luto no contexto ocidental a partir da perspectiva materna.

4. Materiais e Métodos

O estudo foi elaborado a partir de livros que abordam teorias sobre a vivência do luto, artigos acadêmicos disponíveis no portal de Periódicos Eletrônicos de Psicologia (Pepsico) e na Biblioteca Eletrônica Científica Online.

5. Fundamentação teórica

O luto comumente tem a característica de carregar um sentido com a perda do outro, Freitas (2013), indica que é um processo de transformação do mundo, impondo uma nova forma de se viver, já que a anterior se torna impossível a partir da perda de um ente querido.

Ariés (1990) destrincha a temática no mundo ocidental, pontuando que na idade média, a morte era um evento

cotidiano e naturalizado. Com o avanço da medicina, falecer já não era mais um evento natural e familiar, morre-se distante do público, em leitos hospitalares. Já nos grandes centros populacionais brasileiros, segundo Koury (2014), a morte foi sendo progressivamente retirada do âmbito público, movido por um novo discurso de poder médico sanitarista, tomando os processos de luto cada vez mais individualizados, desencadeando um comportamento majoritariamente avesso a demonstrações públicas de sentimento de perda e dor.

Em um contexto geral para a psicologia, o luto vem sendo tratado como um processo inerente a existência humana, à medida que a morte é uma certeza existencial causadora de sofrimento para aqueles que ficam. Dialogando especificamente sobre o luto materno, não se pode deixar de reafirmar o peso que a qualidade das relações impõe sobre o processo de elaboração da perda. Para Fonseca (2017), a mulher, enquanto indivíduo em particular, já carrega consigo a possibilidade de gestar, a vida se inicia em seu corpo e, assim como nos cuidados materno, representa a entrada para o horizonte cultural. Nesse sentido, os filhos ocupam o espaço de extensão da mãe, tornando ainda mais complexo o processo de luto.

Segundo Faria e Lerner (2019), vivemos em uma lógica cultural medicamentosa, em que cada vez mais processos que remetem ao sofrimento e a ruptura dos padrões do decoro social são desnaturalizados a partir de uma visão majoritariamente biomédica. As autoras se aprofundam no tema sobre a medicalização do luto a partir da perspectiva materna, demonstrando como as mães que perderam filhos vivenciam a perda sob grande pressão social e médica para medicar seu sofrimento.

Corand (1992) apud Faria e Lerner (2019), afirma que a medicalização de processos que antes eram relacionados a ciclos naturais da vivência humana não está unicamente relacionada a ação médica, o discurso social e de outros agentes como associações, pacientes e profissionais da saúde tendem a definir problemas os direcionando a termos médicos, Alves et al (2021), comentam que um nicho considerável da população chega a considerar um atendimento médico inválido se não foi associado a uma prescrição farmacêutica. Neste panorama, o luto deixa de ser um processo que comunica sobre o sujeito, passa a ser uma patologia, perde-se a subjetividade e dá espaço a objetividade que um tratamento farmacológico oferece.

6. Conclusões

Por fim, entende-se que o processo de luto, assim como outras formas do sofrer, foram progressivamente desnaturalizados e afastados do convívio público a medida que um discurso biomédico se estabeleceu como norteador do bem estar pessoal e social, tornando processos subjetivos do ser, cada vez mais objetivos e medianizáveis. Ainda, vimos que até mesmo relações como maternidade que são, amplamente, enaltecidas na cultura ocidental, desqualificam-se quando entram em aspectos de sentimentos socialmente negativos, como no caso da perda de um filho, sendo o luto vivenciado com enorme pressão para uma melhora rápida.

7. Referências bibliográficas

- FARIA, A. F. LARNER, K. **Luto e medicalização: gestão do sofrimento entre mães que perderam filhos.** SciELO, 2019.
- ASSIS, G. A. P. MOTTA, H. L. SOARES, R. V. **Falando sobre presenças ausentes: Vivências de sofrimento no luto materno.** Psicologia: Teoria e Prática, v. 21, n. 2, p. 45-61, 2019.
- FREITAS, J. L. **Luto e fenomenologia: uma proposta compreensiva.** Psicologia em Estudo, Curitiba, v. 18, n. 4, p. 635-645, 2013.
- ARIES, P. **O homem diante da morte.** São Paulo: Editora UNESP, 1990.
- KOURY, M. G. P. **O luto no Brasil no final do século XX.** Caderno CRH, Salvador, v. 27 n. 72 p. 593-612, 2014.
- FONSECA, F. L. S. **A constituição do mundo e de si-próprio no enlace existencial mãe-bebê.** R. de Abordagem Gestáltica, v. 23, n. 3, p. 326-333, 2017.
- ALVES, A. M. COUTO, S. B. BAGGIO, M. R. V. GAZARINI, L. **Medicalização do luto: Limites e perspectivas no manejo do sofrimento durante a pandemia.** Cadernos de Saúde, Três Lagoas, 2021.